

# OS PREFÁCIOS DE TUTAMÉIA E SUA INTER-LIGAÇÃO

Sandra Chaves Gardellari<sup>1</sup>

## Resumo:

Neste trabalho pretendo discutir uma visão da inter-ligação dos prefácios na obra ‘Tutaméia’ de Guimarães Rosa, refletindo sobre pontos como os títulos, a palavra ‘prefácio’, os temas de cada prefácio e a argumentação temática, a ordem alfabética em que se encontram e a sugestão de releitura proposta pelo autor.

**Palavras-chave:** prefácio, ligação, visão

## Abstract:

This work aims at discussing a view point of a linking of the prefaces in ‘Tutaméia’, by Guimarães Rosa, reflecting on topics such as titles, the word ‘preface’, the themes of each preface and their theoretical argumentation, their alphabetical order and the suggestion of re-reading proposed by the author.

**Key-words:** preface, linking, view

## Introdução:

A obra ‘*Tutaméia*’ do escritor e poeta brasileiro João Guimarães Rosa é peculiar em sua apresentação, pois, constitui-se de quatro prefácios, distribuídos entre os quarenta contos que a compõem.

O primeiro prefácio, ‘*Aletria e Hermenêutica*’, trata de dar uma definição de ‘estória’, ou seja, de como utilizar palavras para se representar uma determinada realidade. Esse prefácio é desenvolvido ao longo de dez páginas.

O segundo, ‘*Hipotrélico*’, tem sua argumentação baseada na necessidade de se criar palavras novas, quando da explicação e/ou representação de uma dada ‘realidade’ e, à parte do primeiro, começando na página sessenta e quatro, tem seu desfecho ao final da sexta página que se segue.

---

<sup>1</sup> Professora da FUCAMP, Doutoranda em linguística pela UFMG.

Já o terceiro prefácio, *‘Nós, os temulentos’*, trata da interpretação subjetiva que o sujeito faz da ‘realidade’, e, também, separado dos dois primeiros prefácios, começa na página cento e um, sendo que seu término se dá na quarta página subsequente.

O quarto e último prefácio, *‘Sobre a escova e a dúvida’*, discorre sobre a própria ‘realidade’, uma vez apreendida e vivida e, sobre as conseqüências advindas da reação do sujeito frente a essa ‘realidade’. Esse é o maior dos prefácios e é desenvolvido ao longo de vinte e uma páginas. Ele tem uma outra característica, pois, é sub-dividido em sete partes, sendo elas demarcadas por algarismos romanos, em ordem crescente, de I a VII.

Todas as sete partes desse último prefácio, embora constituintes de um contexto geral, parecem que tratam, em princípio de temas diferentes porque, a exemplo dos três primeiros prefácios, apresentam uma epígrafe em seus inícios.

Essas distinções de *‘Tutaméia’*, ou seja, a apresentação de quatro prefácios em uma só obra, a aparente apresentação de assuntos diversos em cada prefácio, sua distribuição ao longo da obra, bem como a variação em número de páginas de um prefácio para outro, e, até mesmo a sub-divisão do último prefácio, fazem despertar algumas indagações sobre o porquê de quatro prefácios e qual seria a relação entre eles.

Assim, observando a estrutura, ou como se apresentam os prefácios, algumas de suas características se tornam relevantes para uma reflexão teórica sobre as indagações acima.

Dentre elas, se pode notar os títulos, a palavra *‘prefácio’* escrita acima de cada título, os temas de cada prefácio, a ordem alfabética em que se encontram e a sugestão de re-leitura dos prefácios, bem como da obra como um todo. .

## **Os títulos**

Começando pelos títulos, tem-se *‘Aletria e Hermenêutica’*, *‘Hipotrérico’*, *‘Nós, os temulentos’*, e, *‘Sobre a escova e a dúvida’*.

Em primeiro lugar, pode-se notar que os prefácios têm cada um, seu próprio título, diferentemente dos prefácios de outras obras, tanto literárias quanto científicas e que esses títulos, são constituídos de palavras incomuns ou apresentam construções não utilizadas

normalmente na língua padrão/formal do cotidiano. Instaure-se, assim, uma necessidade de pesquisa, ou seja, o que significam as palavras, estando elas vinculadas ou não ao contexto.

Assim, no primeiro prefácio, *'Aletria e Hermenêutica'*, tem-se que, *'Aletria'*, de acordo com o seu significado etimológico, significa *'fios de massa de farinha com ovos'*. *'Hermenêutica'*, por sua vez, significa *'interpretação'*.

Observa-se, que na disposição dessas duas palavras, não há uma contradição, o que seria apresentado com conectivos do tipo *'mas, porém, por outro lado, etc.'*, mas, nota-se a presença de uma conjunção, neste caso *'e'*, que orienta para um entendimento de soma, de compreensão do todo pelo entendimento das partes.

Pode-se, também, tomar a palavra *'Aletria'* e dividí-la, em *'A'* e *'letria'*. Lembrando que *'A'* pode ser um prefixo de negação, e, *'letria'* pode ser uma palavra derivada do vocábulo *'letra'*, instaure-se, desse modo, uma aparente *'negação das letras'*.

Entretanto, o vocábulo *'Hermenêutica'*, ou seja, a interpretação, a junção das partes, pode levar a orientação/instauração de uma produção discursiva com características próprias.

Dessa forma, acredito poder entender que o título, *'Aletria e Hermenêutica'*, sugere uma aparente confusão, e, talvez uma suposta des-organização de pensamentos e idéias, quando do desenrolar da argumentação no primeiro prefácio de *'Tutaméia'*.

O segundo prefácio, tendo por título, *'Hipotréllico'* (p.64), provoca no leitor a necessidade de se entender essa palavra. Contudo, com a pesquisa, descobre-se que trata-se de palavra inventada, um neologismo. Assim, é através da leitura do prefácio que se consegue entender o significado dessa palavra, e, por conseguinte, verificar qual *'realidade'* ela pode representar.

Enquanto no primeiro prefácio Rosa parece convidar para uma interpretação da mensagem a ser transmitida, aqui ele provoca a pesquisa, e faz surgir a necessidade de se *'entrar'* no texto para se apreender o significado de seu título.

O terceiro prefácio, com o título, *'Nós, os temulentos'* (p.101), requer, em primeiro lugar, que se saiba, ou se procure o significado da palavra *'temulento'*. Entende-se por essa palavra, um estado de embriaguez a que um indivíduo pode estar sujeito, ou mesmo o

próprio indivíduo, bebedeira, que pode se prestar a cenas de embriaguez e a orgias, entendendo-se ainda, por orgia, festas onde há desordem, anarquia, desperdício.

Apreendido o significado da palavra *'temulento'*, o título pode levar o leitor na direção de, pelo menos, dois caminhos diferenciados.

Pode-se estar falando de um contexto onde há pessoas embriagadas e, por conseguinte, algo em relação a essas pessoas, ou pode-se querer tecer alguma filosofia sobre *'nós'*, mostrando que em algum momento, podemos estar ou ser embriagados por alguma substância que nos tire o senso da razão.

Aqui, Rosa convida a uma verificação de qual dos sentidos ele vai seguir e nos estimula a curiosidade.

O título do quarto e último prefácio, *'Sobre a escova e a dúvida'* (p.146), apresenta-se com dois assuntos explícitos, o da *'escova'* e o da *'dúvida'* mas, a exemplo do terceiro, não nos fornece maiores esclarecimentos sobre seu tema.

Embora sabendo que o assunto supostamente apresentado será o de uma *'escova'*, não se sabe a que tipo de escova ele se refere, se ela é algo material ou abstrato e de que *'dúvida'* se estaria falando. Seria uma *'dúvida'* em relação à *'escova'* enquanto matéria, ou enquanto abstração? Essa *'dúvida'* seria em relação a essa *'escova'* ou em relação a uma realidade externa a ela?

Novamente o autor implanta em seu texto, além da curiosidade, a *'dúvida'*, palavra que já se explicita no título, e, o convite é também para nos aproximarmos da mensagem, para compreendê-la. A forma de compreendê-la dependerá da direção que o leitor tomar para a apreensão do sentido do texto como um todo.

Assim, em *'Aletria e Hermenêutica'*, Rosa sugere uma interpretação de algo, uma *'realidade'*, ainda que abstrata. Em *'Hipotréllico'* ele parece convidar para o *'novo'*, a descoberta de uma *'realidade'* outra que não a convencional. Em *'Nós, os temulentos'*, o autor provoca no leitor a busca pelo significado, pela representação da *'realidade'* de se ser *'temulento'*. E, por último, em *'Sobre a escova e a dúvida'*, ele convida para uma reflexão, como que querendo que vivenciemos uma dada *'realidade'*.

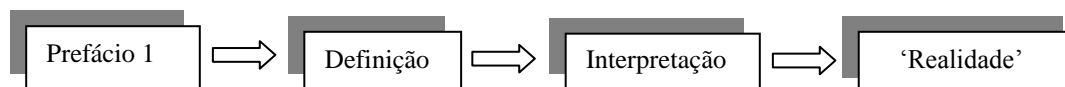
## A palavra ‘prefácio’

Seguindo a norma padrão, Rosa coloca antes do início de *‘Aletria e Hermenêutica’*, a palavra ‘prefácio’. Naturalmente o leitor, ao interagir com o texto, vai entendê-lo como ‘o’ prefácio da obra. Contudo, como os outros três prefácios não estão na seqüência do primeiro, ao se deparar com eles, o leitor não os consideraria como prefácios, a não ser que assim o fossem apontados pelo autor. Assim, encontramos no início de cada um dos três prefácios que se seguem, *‘Hipotréllico’*, *‘Nós, os temulentos’* e *‘Sobre a escova e a dívida’*, a palavra ‘prefácio’, como que orientando o leitor a prosseguir na leitura de **um** prefácio que se segue, ainda que em outro momento da obra.

## Os temas de cada prefácio e as argumentações temáticas

Trabalhando com os temas dos prefácios, temos no primeiro deles, *‘Aletria e Hermenêutica’*, uma definição de ‘estória’, desenvolvida a partir de vários exemplos de anedotas que Rosa chama de ‘anedotas de abstração’. Como o próprio título sugere, há que se fazer uso de uma interpretação, subjetiva, para se apreender o sentido geral do texto, pois, é a partir da diferença de pontos de vista que Rosa desenvolve sua argumentação, ou seja, ele mostra a ‘realidade’ vista sob um ângulo diferente, utilizando-se de recursos como a anterioridade discursiva da referencialidade polifônica do sujeito<sup>2</sup>, a metáfora, a poesia, a paráfrase, o conhecimento gramatical da língua, a explicação, a argumentação, a adaptação, a conclusão, a reflexão, a sugestão, o trocadilho, a inversão, a seqüência, a lógica, o questionamento, entre outros. Temos assim,

### Quadro 1 – Sobre ‘Aletria e Hermenêutica’



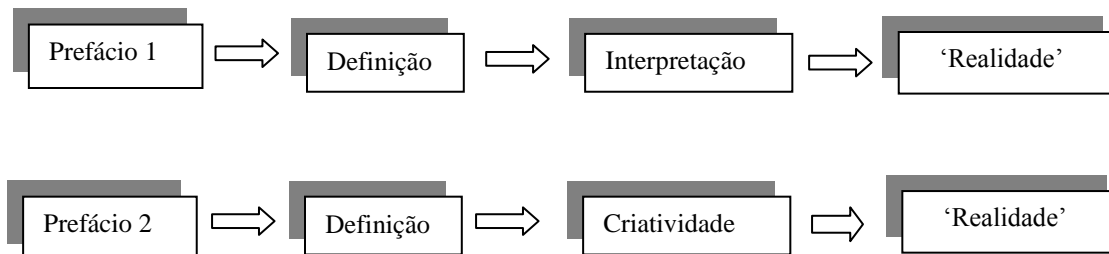
<sup>2</sup> De acordo com Santos (2000) a referencialidade polifônica é o termo usado para indicar a heterogeneidade subjacente às bases discursivas do imaginário sociodiscursivo dos sujeitos.

Sendo que, a ‘realidade’ definida aqui, dependerá tanto da interpretação que Rosa possivelmente quis dar ao seu texto, quanto da interpretação que o leitor possivelmente fará, ao lê-lo.

Em ‘*Hipotrérico*’ observa-se o desenvolvimento de uma argumentação em torno do direito de se criar palavras novas, para que, com elas, se possa expressar o pensamento sobre uma determinada realidade. O texto começa com a apresentação de vários significados da palavra ‘*Hipotrérico*’, mas, apesar dessas significações, percebe-se que um dicionário de língua portuguesa continua indispensável para se entender o significado de alguns vocábulos para, ao final obter-se um sentido apreendido.

Pode-se observar então, uma inter-ligação entre o primeiro prefácio, ‘*Aletria e Hermenêutica*’ e o segundo, ‘*Hipotrérico*’, por meio do entendimento de que ambos podem levar o leitor a uma idéia de definição, primeiramente pela interpretação, e, em seguida, pela criatividade necessária para se explicar determinada realidade. Ilustrando teríamos o seguinte:

#### Quadro 2– Sobre ‘*Hipotrérico*’



Assim, o autor pode estar querendo acenar que seu texto poderá ser apresentado tanto argumentando que o leitor pode entender uma dada ‘realidade’ pela interpretação, ou seja, pelo processamento de seus conhecimentos próprios de leitor para o entendimento da mensagem, quanto por entrar em contato com o ‘novo’, criado pelo próprio autor, tendo em vista um mesmo objetivo, ou seja, o de apresentar uma ‘realidade’.

Com o prefácio ‘*Nos, os temulentos*’, poder-se-ia dizer a partir de uma leitura superficial, que não há ligação deste, com os demais prefácios. Entretanto, uma leitura mais profunda do texto revela-se rica em subjetividade, ou seja, embora a personagem tente em um primeiro momento transmitir ao leitor que ela não se importa muito com a ‘realidade’

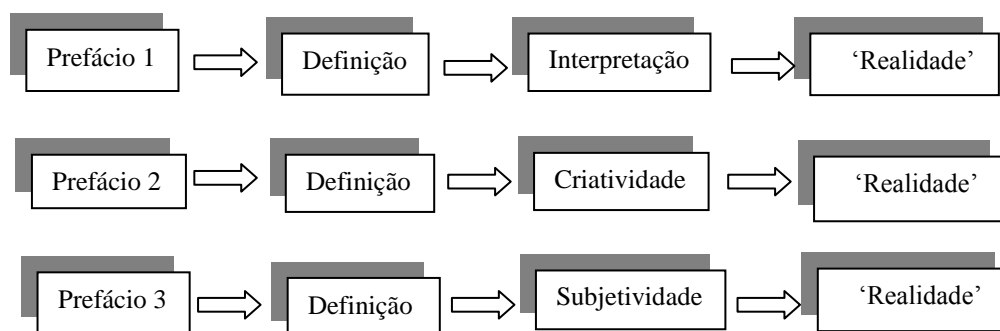
convencionada, o texto desenvolve-se, através de uma construção irônica e hilária, de forma a fazer o leitor re-pensar seus conceitos de ‘realidade’.

De certa forma, o autor parece querer levar o leitor a definir por si mesmo a ‘realidade’. Assim, a interpretação subjetiva que o sujeito faz dessa ‘realidade’ é um ponto a ser ressaltado neste prefácio.

Unindo os três primeiros prefácios, podemos delinear um caminho que chega a uma mensagem a ser transmitida.

Assim,

### Quadro 3 – Sobre ‘Nós, os temulentos’.



Dessa forma, tomando as idéias dos dois primeiros prefácios, que são a de ‘interpretação’ e a de ‘criatividade’, temos uma outra, a de ‘subjetividade’, sugerindo um pensar ou um re-pensar sobre a mensagem a ser transmitida, a de uma dada ‘realidade’.

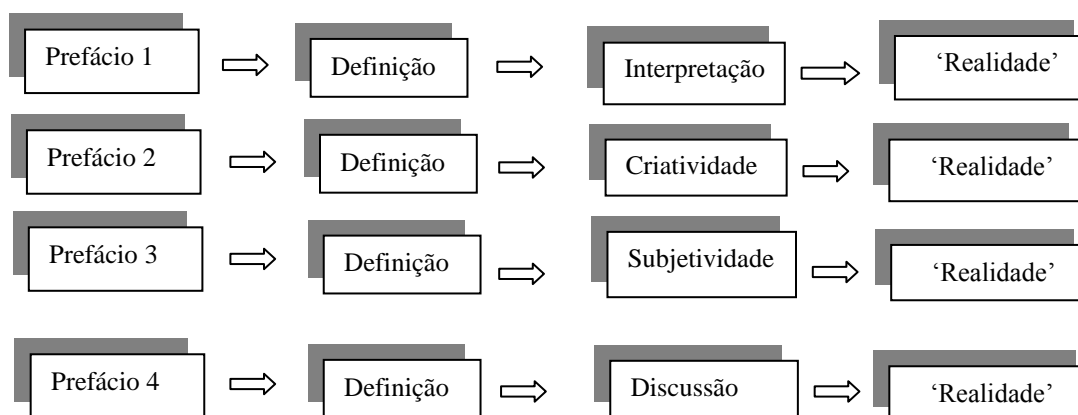
‘*Sobre a escova e a dúvida*’, parece ser o prefácio mais difícil de se entender, uma vez que traz várias mensagens em suas sub-divisões. Contudo, observando mais de perto cada uma das partes desse texto, pode-se verificar também a presença da ‘realidade’ a que Rosa faz menção nos outros três prefácios.

Nota-se na parte I, a presença de duas personagens discutindo dentre outras coisas, sobre o alheamento de uma delas à ‘realidade’; na parte II, surge a dúvida sobre a ‘realidade’ e sua natureza; na parte III, a personagem conta sobre uma experiência sua, peculiar durante a noite, ou seja, a vivência de uma certa ‘realidade’; na parte IV, uma outra

experiência, mas desta vez, durante o dia; na parte V, ele apresenta o inconformismo da personagem, frente a um racionalismo convencional, ou seja, ela não aceita uma ‘realidade’ imposta; na parte VI, o autor procura explicar como surgiram algumas de suas obras, e, por fim, na parte VII, o autor conta de como aprendeu uma lição de ‘realidade’ vinda de um homem simples.

O que se pode perceber é que ‘*Sobre a escova e a dúvida*’ discorre sobre uma ‘realidade’, apreendida e vivida, e, sobre as conseqüências advindas da reação do sujeito, frente a essa ‘realidade’. Ilustrando, teríamos então:

#### Quadro 4 – Sobre ‘*Sobre a escova e a dúvida*’



Rosa convida-nos, dentre outras coisas, para uma discussão do que foi apresentado ao leitor. Como no primeiro prefácio a definição vem a partir da interpretação, no segundo a partir da criatividade, no terceiro da subjetividade, e, em ‘*Sobre a escova e a dúvida*’, a definição virá a partir de uma discussão que o autor parece propor através da leitura dos contos de ‘*Tutaméia*’.

RÓNAI, (1968)<sup>3</sup>, fecha sua discussão sobre os quatro prefácios de ‘*Tutaméia*’ com uma citação que consideramos relevante pontuar aqui:

<sup>3</sup> RÓNAI, P. ‘*Tutaméia*’(1968). IN: Coleção Fortuna Crítica, RJ:Civilização Brasileira, 1983.

‘Absorvidos pelos prefácios, ei-nos apenas no limiar dos quarenta contos, merecedores de outra tentativa de abordagem. Quantas vezes mesmo nesta breve cabra-cega preliminar, terei passado ao lado das intenções esquivas do contista, quantas vezes as suas negações me terão levado a interpretações erradas? Só poderia dizê-lo quem não o pode dizer; mas será que o diria? (p.531)

Dessa forma, a leitura que faço, a partir da definição de ‘realidade’ em Rosa é também mais uma das muitas leituras que se poderia fazer, a partir dos quatro prefácios de *‘Tutaméia’*.

### **A ordem alfabética**

A ordem alfabética em que se encontram os prefácios pode ser entendida como uma orientação, a de que há entre eles, uma inter-ligação. Pode-se observar que, mesmo estando separados, entre os contos de *‘Tutaméia’*, os quatro prefácios se mantêm em uma ordem de seqüência alfabética.

### **A sugestão de re-leitura**

O índice de re-leitura ao final da obra, e, a sugestão de uma segunda leitura dos prefácios bem como de toda a obra, chama-nos à atenção de que neste momento o autor coloca os prefácios juntos, sugerindo que sejam lidos juntos, o que não fez no primeiro índice, no início da obra. Esta, talvez, seja a orientação mais contundente de que há uma inter-ligação entre os quatro prefácios de *‘Tutaméia’*, seguindo-se o entendimento de que a função de um prefácio seria a de apresentar a obra de que ele fala.

### **À guisa de algumas reflexões sobre a interligação dos prefácios de Tutaméia**

Entendendo-se por prefácio, a parte inicial que apresenta uma obra, explicando os motivos que levaram o autor a escrevê-la, argumentando sobre pontos relevantes dela, e,

por vezes esclarecendo fatos interessantes sobre a vida do autor, acredito poder encontrar essas características nos quatro prefácios de ‘Tutaméia’.

Apesar de separados em uma primeira instância, os prefácios não deixam de cumprir sua função, a de apresentar a obra, fazendo-a, entretanto, de forma poética, com uma linguagem que explica a linguagem a ser transmitida, ou seja, com uma meta-linguagem.

Os prefácios poderiam facilmente ser confundidos com os contos da obra, contudo, seus traços característicos aliados às orientações do autor, permitem ao leitor identificá-los, e, ao fazê-lo, estabelecer uma relação entre eles.

As orientações que considero mais claras são a palavra ‘prefácio’ escrita acima de cada um dos quatro títulos, a ordem alfabética em que eles se encontram, sugerindo seqüência, e a sugestão de uma re-leitura ao final da obra.

Os traços idiossincráticos de cada prefácio definem sua função e inter-relação. Primeiramente uma definição sugerindo uma interpretação para ser entendida; em segundo lugar um convite para se entender o ‘novo’; na seqüência o texto se desenvolve, através de uma construção irônica e hilária, de forma a fazer o leitor re-pensar seus próprios conceitos, sua própria referencialidade polifônica; finalmente o autor discorre sobre o que pode ser apreendido e vivido por ele e pelo leitor, e, sobre as conseqüências advindas das reações que se pode ter, frente a essas experiências.

De forma diferenciada, Rosa vai, aos poucos, levando o leitor a entender sua mensagem. Mensagem passada em ‘conta-gotas’, pois, ao contrário da maioria dos prefácios, que se apresentam em um só texto, o autor de ‘Tutaméia’ apresenta o seu prefácio em quatro partes, sugerindo paradas, um pensar e um re-pensar, acenando para o que está por vir em sua obra que é, sem sombra de dúvidas, peculiar em todos os seus aspectos.

## **Referências:**

ARAUJO, H. V. de. **O espelho: contribuição ao estudo de Guimarães Rosa**. São Paulo: Mandarim, 1998.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo:Cultrix, 1983.

COUTINHO, E. de F. (org.). **Guimarães Rosa/coletânea**. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, [Brasília]: INL, 1983.

CUNHA, B. R. R. da. **Sobre a escova e a dúvida: (des)limitando o fazer literário**. No prelo.

GALVÃO, W. N. **Guimarães Rosa**. São Paulo:Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. **Mitológica Rosiana**. Ensaaios; 37. São Paulo, Ática, 1978.

MENDES, L. B. & OLIVEIRA, L. C. V. de. (org.) **A astúcia das palavras: Ensaaios sobre Guimarães Rosa**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

MORAIS, M. M. de. **A ironia da loucura: uma leitura de “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de João Guimarães Rosa**. IN: Extensão:Cadernos da Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas. Belo Horizonte, V.8, n.27, p. 39-44, dez. 1998.

NOVIS, V. **Tutaméia:Engenho e Arte**. São Paulo:Editora da USP e Perspectiva, 1989.

RÓNAI, P.(1968). **Tutaméia**. Jornal ‘O Estado de São Paulo’, 16 e 23 mar. (Supl. Lit.) IN: GUIMARÃES ROSA/Coletânea organizada por Eduardo F. Coutinho, Coleção Fortuna Crítica, Rio de Janeiro:1983.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia (Terceiras estórias)**. Rio de Janeiro. José Olympio, 1979.